

Editorial

Com este sexto número, *Machado de Assis em linha*: revista eletrônica de estudos machadianos completa o seu terceiro ano de vida. A publicação, criada em 2008 no âmbito do Grupo de Pesquisa CNPq "Relações Intertextuais na Obra de Machado de Assis", amplia e consolida sua atuação de número a número, contando com a colaboração de pesquisadores de diferentes instituições do Brasil e do mundo e das várias vertentes dos estudos machadianos.

A boa acolhida da revista pela comunidade acadêmica em geral e pelos estudiosos machadianos em particular nota-se pelo grande número de artigos submetidos à revista, que a cada número tem publicado cerca de dez textos, todos inéditos no Brasil. Essa boa acolhida verifica-se também pela participação cada vez maior de pareceristas *ad hoc*, imprescindíveis para fundamentar as decisões dos editores, e, principalmente, pela ampla difusão do conteúdo da revista no Brasil e no Exterior, facilitada pelo formato eletrônico.

O primeiro reconhecimento desse trabalho coletivo veio com a atribuição à revista do conceito A1, o mais elevado do Programa Qualis, da CAPES. Os editores pleiteiam agora a admissão de *Machado de Assis em linha* em coleções eletrônicas de periódicos, buscando assim ampliar a circulação e a visibilidade da revista não só entre especialistas e interessados na obra de Machado de Assis, mas também, dada a envergadura e complexidade da obra do escritor, bem como dos estudos sobre ela, entre interessados em literatura, linguística, história e outras áreas do conhecimento.

Neste número, a tradição crítica está representada pelo clássico ensaio de Joaquim Matoso Câmara Júnior "O discurso indireto livre em Machado de Assis", publicação original de 1957, numa miscelânea em honra de Antenor Nascentes e, depois, em livro dedicado exclusivamente ao escritor, *Ensaio machadianos*, edição da Livraria Acadêmica, em 1962, utilizada aqui como texto-base. Matoso Câmara, falecido em 1970, não deixou herdeiros, e o ensaio se publica por iniciativa do conselho editorial de *Machado de Assis em linha*, que considera a obra do grande linguista brasileiro de extrema importância no conjunto da fortuna crítica de Machado de Assis.

Os artigos reunidos neste número 6 nos chegaram de vários pontos do Brasil e também do Exterior. Do Brasil, publicam-se estudos de pesquisadores da Bahia, do Espírito Santo, de São Paulo e do Rio de Janeiro; dos Estados Unidos, sai neste número um artigo vindo da Universidade de Princeton. Há um estudo sobre a filosofia de Machado, a partir de *Memórias póstumas de Brás Cubas* e das perspectivas de Nietzsche e Clément Rosset; outro que, com base em conceitos de Philippe Lejeune, se detém sobre as relações do autor com o espaço biográfico, investigando a estilização ficcional de gêneros autobiográficos e biográficos; um terceiro que investiga o trânsito de Machado "figura histórica" a Machado "historiador", examinando desde a produção contemporânea e imediatamente póstera de Machado até os recentes estudos que abordam a obra do autor como fonte histórica; um quarto traz informações preciosas sobre Machado de Assis tradutor de teatro, atividade a que o autor se dedicou entusiasticamente em sua juventude. Há ainda um artigo sobre o *Memorial de Aires*, no qual o autor se vale de conceitos da fenomenologia (especialmente de Merleau-Ponty) para iluminar a leitura do diário do conselheiro; e, finalmente, dois textos sobre *Dom Casmurro*: o primeiro propõe uma leitura de Casmurro como assassino de Escobar, o que desenvolve com grande domínio da crítica, a qual leva aos limites da ficção, com dose considerável de humor; o segundo é o de um jovem pesquisador, que se debruça sobre a questão do sagrado e do profano no romance, valendo-se para isso, fundamentalmente, de Mircea Eliade.

As resenhas, para cuja elaboração os editores convidaram nomes de indiscutível mérito acadêmico, também refletem pluralidade na origem: a de John Gledson nos foi enviada da Inglaterra; a de Mirella Márcia Longo, da Bahia; e a de Verónica Galíndez-Jorge, de São Paulo, dando conta de livros publicados em 2008 (reedição do clássico de Astrojildo Pereira, de 1959) e em 2010 (os de Ana Cláudia Suriani da Silva e de Paul Dixon).

Boa leitura!

Marta de Senna e Hélio de Seixas Guimarães
Rio de Janeiro / São Paulo, dezembro de 2010